



SALESIANOS COOPERADORES

notícias

ÓRGÃO FORMATIVO E INFORMATIVO DA
ASSOCIAÇÃO DOS SALESIANOS COOPERADORES
DO SUL DO BRASIL

ANO V

NÚMERO 18

JANEIRO-JUNHO

1989



COMUNICANDO-SE

No mundo nem as pedras estão sós!
Os peixes andam em cardume,
as aves migram em bandos,
as abelhas são socializadas e se comunicam...

O homem vê, pensa, sente,
é consciente, ama,
descobre o outro como gente,
como amigo e irmão.

Cativa, cria laços, se organiza,
recebe e, sobretudo, dá.
Aspira viver em amizade,
em grupo, em comunidade.

Comunidade é
comunhão de ideal
de aspirações
de esforços.

Comunidade é
partilha de vida
de coisas
de cultura
de amor.

Comunidade é
unidade de ponto de vista
de perspectivas
de projetos
de realizações.

COMUNIDADE É UNIDADE NA VARIEDADE

onde todos de mãos dadas, constroem-se
e constroem um mundo melhor
a fraternidade.

Comunidade é Deus. E Deus é Amor.

PRODUÇÃO

SEDE INSPETORIAL

Rua Dr. Eduardo Chartier, 360
Bairro Higienópolis
Caixa Postal 6006
90440 PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

Saudações em Dom Bosco que Vive.

Nossa ação deve ser permeada pela reflexão.

Citando nosso RVA, artigo 37 §2 : "Consciente da exigência da formação permanente, o Cooperador: ... - dedica tempo à reflexão e ao estudo, para aprofundar a Sagrada Escritura, a doutrina da Igreja, o conhecimento de Dom Bosco; ... Artigo 38 §1 : "O Cooperador é o primeiro e principal responsável pela própria formação "...

Creio que é de suma importância que cada Salesiano Cooperador esteja "continuamente em processo de formação", daí o nosso SCNOTÍCIAS ser um órgão Informativo e Formativo. O contato com as literaturas salesianas e eclesiais, são fundamentais para a afirmação de nossa identidade, para o crescimento pessoal.

O tempo para a ação apostólica deve ser permeado com o tempo dedicado à formação. Ação e reflexão, Assim nos foi chamado a atenção por D.Cuevas em Curitiba/87. Destes dois ainda outro muito importante e coligado: A Oração. " Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá." (Mt 7,7s)

Certa ocasião, quando estava no seminário, li este pensamento: "A oração é indispensável ao espírito como a alimento é ao corpo." A Oração é também um marco de lembrança no processo de canonização de Dom Bosco. Houve quem afirmasse que Dom Bosco nunca ou pouco orou. A resposta, pelo que me consta, foi que Dom Bosco fez de toda sua vida uma oração.

Há inúmeras fórmulas, riquezas belas. Também a oração simples e espontânea, que brota do ser chega ao Senhor. É claro que aqui não desejo polemizar. É que muitas vezes corremos o risco de "rezarmos" uma Ave-Maria, um Pai-Mosso sem encarná-lo. Rezamos "Pai-Mosso" nas eucaristias, nas refeições, nos nossos encontros, ... e apenas uma ou duas pessoas proclamam estas duas palavras iniciais da oração. Não é, neste caso, um "Pai-Meu"? Porque não ser realmente "Pai-Mosso"?

Nosso RVA nos ilumina no Capítulo IV- O Espírito Salesiano, Artigo 32, sob o título: Oração simples e vital. Reflitamos. Oremos.

Para nos ajudar nesta caminhada, temos aqui um texto muito rico, traduzido pelo Pe. Tarcízio Paulo (obrigado), com o título: A vida Espiritual do Salesiano Cooperador de autoria de José Colomer Planas.

Que este tema, estudado em particular e no centro local, possa ser um elemento importante de crescimento.

Desejo a Paz a todos.
Que Cristo esteja com você.

Luiz Marcos Schatzmann



Introdução

Estas páginas não são tiradas de um livro especializado em teoria espiritual, nem fazem parte de um curso universitário para "doutorados". São simplesmente reflexões pessoais que tem como base a experiência pastoral e um certo apoio doutrinal.

Foram escritas com a esperança que possam servir para a formação espiritual dos Salesianos Cooperadores.

A primeira parte compreende reflexões sobre as raízes da vida espiritual, isto é, sobre elementos principais que a constituem e a fundamentam; na segunda parte trata-se das três dimensões que caracterizam a vida espiritual do Salesiano Cooperador: o aspecto secular, apostólico e salesiano; finalmente, na última parte se oferecem reflexões e orientações práticas sobre expressões concretas da mesma, contidas no Regulamento de Vida Apostólica.

As raízes da Vida Espiritual

Estamos habituados a falar, de modo geral, das expressões concretas da vida espiritual (exercícios de oração, frequência aos sacramentos, devoções aos santos, etc), a tratar sobre as condições para fazer bem as práticas de piedade e a buscar meios para tirar maior vantagem possível das celebrações. Mas, com frequência, esquecemos os fundamentos indispensáveis para assegurar a estabilidade e a solidez de todo o edifício espiritual e não prestamos a devida atenção às raízes necessárias para garantir a renovação e a fecundidade espiritual de nossa vida.

Na vida espiritual existe verdadeiramente o perigo de falar somente dos grandes princípios e permanecer em afirmações genéricas, sem chegar nunca aos empenhos concretos e nas expressões práticas. É um perigo real, e, sem dúvida, muito sério. Mas existe também o perigo contrário, que não é menos grave. A preocupação insistente e quase exclusiva para outros aspectos práticos da vida espiritual, sem nunca parar para refletir sobre premissas fundamentais e indispensáveis, sem as quais é, não somente uma loucura, mas mais que impossível pretender edificar a vida espiritual sólida e fecunda.

O Salesiano Cooperador deve ter uma preocupação constante para evitar tais perigos. Ele cuidará, portanto, em construir a própria vida espiritual sobre bases da consistência doutrinal e das práticas concretas.

Falar-se-á em primeiro lugar da pessoa, do mundo e da comunidade como fundamentos essenciais da vida espiritual para iniciar a construir um caminho espiritual.

1.1. A minha pessoa

A vida espiritual é fundada numa relação pessoal com Deus; é sempre um encontro entre meu eu e Deus, Pai de Jesus Cristo.

O sujeito da vida espiritual não é uma pessoa genérica e abstrata, a qual existe somente no campo das idéias; nem é a pessoa ideal e santa que desejamos ser, e que existe somente no propósito da minha vontade.

O sujeito da vida espiritual é sempre o nosso eu concreto, único, original, histórico, irrepitível. É um eu formado de estrutura genética recebida dos nossos pais, das impressões psicológicas dos nossos primeiros anos de vida, dos traços orientadores dos nossos educadores, da progressiva experiência de toda a nossa vida. É esta a pessoa que Deus conhece, aceita, chama, dá as suas graças, perdoa, ama como é amado um filho. É também esta a pessoa que vê, espera, reza, e se propõe a viver o evangelho de Jesus Cristo.

Como consequência disto é necessário ter sempre em conta as características da própria pessoa, seja na experiência e nos atos da vida espiritual como no desenvolvimento e no crescimento. Ele nos configura profundamente, nos condiciona por dentro e é a fonte de imprevistas possibilidades e nos acompanhará necessariamente até a morte.

Somente partindo destas características conhecidas, aceitas, educadas e desenvolvidas, o Salesiano Cooperador poderá viver uma vida espiritual cristã e salesiana. A ignorância, o fingimento, ou a não aceitação das nossas características e dos nossos condicionamentos serão sempre um sério obstáculo para uma sã e fecunda vida espiritual.

1.2. No mundo

O encontro do amor de Deus como o nosso eu real realiza-se no mundo e na história de cada dia; não se realiza longe da nossa realidade concreta, nem na obscura intimidade de um espírito abstrato e desencarnado. Por isso o mundo e a história são também um fundamento necessário da vida espiritual cristã.

Como as outras pessoas, os Cooperadores são membros da família humana desde o nascimento, vivem em sociedade e participam ativamente da história de sua pátria. Os seus dons naturais, a sua vocação cristã, o seu chamamento para serem apóstolos com Dom Bosco, são reais somente no mundo e podem progredir somente se inseridos na história. Por outro lado, cada Cooperador quer "seguir Jesus Cristo, Homem perfeito, enviado pelo Pai para servir os homens no mundo. Para isto tende a realizar, nas condições ordinárias de vida, o ideal evangélico do amor a Deus e ao próximo" (RVA 7) "porque se sente atraído pela figura de Dom Bosco e da perspectiva de 'trabalhar com ele' permanecendo no mundo" (RVA 2,1).

De tudo isto deriva uma rica consequência: o mundo e a história devem fazer parte da vida espiritual do Salesiano Cooperador. Como, o espaço onde a vida espiritual nasce e se desenvolve, porque nele se realiza o encontro com Deus e nele se experimenta profundamente a presença divina. Como? Como a realidade que caracteriza todos os aspectos da vida espiritual, embebendo-a do caráter secular e como terreno específico e próprio, onde construir o Reino de Deus através das diversas formas de apostolado laical.

O Salesiano Cooperador não deve confundir a sua vida espiritual com a sua vida no mundo, nem deve separá-las como se uma fosse totalmente estranha a outra. O objetivo que se nos propõe consiste no fazer uma verdadeira experiência do Deus de Jesus Cristo e viver uma rica e profunda vida espiritual cristã-salesiana no mundo, por meio do mundo e para o mundo.

1.3. Com os outros, na Igreja e na Família Salesiana

A pessoa humana é sociável por natureza. Foi criada para viver com outros em relação de amizade e fraternidade tendo como base o conhecimento mútuo, a aceitação, o respeito, amor e serviço.

A comunhão é também uma característica do plano de salvação oferecido por Deus ao homem e é ao mesmo tempo uma dimensão essencial da fé cristã e da vocação salesiana. O Concílio Vaticano II diz a propósito: "quis santificar e salvar os homens não como indivíduos isolados entre si, mas construindo para si um povo que o conhecesse na verdade e o servisse santamente." (LG 9). E o RVA: os Cooperadores "vivem em comunhão fraterna, com vínculos característicos do espírito de Dom Bosco" (RVA 19).

O Cooperador não é uma ilha, é um ser em relação com os outros homens, e em comunhão com os outros cristãos na Igreja (RVA 18), com os outros Cooperadores dentro da Associação (RVA 19,20) e com os outros grupos da Família Salesiana (RVA 22,24,25).

Por isso é natural que esta característica aconteça em toda a vida, também na espiritual. Por conseguinte, o Cooperador se esforça para viver uma vida espiritual claramente eclesial e decididamente fraterna. Está consciente de ser chamado à filiação divina juntamente com todos os batizados. Sabe que a sua vocação à santidade salesiana é compartilhada com muitos outros irmãos e irmãs em diversos estados de vida. Une seu esforço para a construção do Reino de Deus ao esforço dos outros homens e fiéis. Está convencido que a maior ou menor qualidade da sua vida espiritual tem repercussões positivas ou negativas nos outros. Não esquece que a sua vida espiritual progride com maior rapidez e segurança quando divide com os outros (em família, em grupo, nas equipes de casais. . .) os dons e as experiências espirituais e quando existe o acompanhamento espiritual e se pratica a correção fraterna.

1.4. A fé cristã

O fundamento da realização pessoal entre eu e Deus é a fé; sem ela não pode existir a vida espiritual cristã. Crer com uma fé pessoal, autêntica, profunda e empenhada no Deus revelado por Jesus Cristo será sempre uma condição indispensável para a vida espiritual de todo cristão e também de todo Cooperador.

A fé nos assegura com toda certeza que Deus existe e que nos ama, que nos conhece pessoalmente e está sempre presente na nossa vida. Através dela aceitamos Jesus Cristo como Filho de Deus enviado pelo Pai, participamos na sua obra redentora e somos vivificados pelo Espírito Santo. Por meio da fé, além disso, formamos parte viva da Igreja e permanecemos empenhados na sua missão.

Da fé nasce, portanto, uma radical e plena realização do crente em Deus, esta realização torna possível a existência e o desenvolvimento de um projeto de atitudes e sentimentos, comportamentos e expressões que constituem o tecido da vida espiritual; sem fé todas as expressões da vida espiritual ficarão sem alma e sem um ponto de referência central.

"O Cooperador é um católico que vive a sua fé inspirando-se, dentro da própria realidade secular, no projeto apostólico de Dom Bosco (RVA 3). A sua primeira preocupação espiritual é, portanto, ter fé, uma fé convicta, viva, prática, formada e em contínuo crescimento. Somente assim poderá edificar com garantia uma sólida vida espiritual e poderá imitar Dom Bosco do qual numerosos testemunhos tem assegurado que "era um homem de fé".

1.5. Uma adequada experiência de Deus

Toda realização interpessoal além de depender das características do nosso próprio eu, é também necessariamente condicionada a imagens que temos dela. Assim, diante de um juiz nos sentimos acusados, diante de um amigo nos comportamos de maneira amigável e espontânea, com um funcionário do estado nos posicionamos de maneira legal e burocrática, com nossos pais de modo filial e confiante.

Assim também são entendidas as nossas relações espirituais com Deus. A sua natureza (esta maneira de relacionar-se) depende em certo grau das imagens que nós temos dele. É óbvio que nos sentimos igualmente diante de um Deus infinitamente longe e diante de um Deus que sabemos sempre perto de nós. Não rezamos com os mesmos sentimentos a um Deus juiz e a um Deus Pai.

Para que a vida espiritual do Salesiano Cooperador seja autenticamente cristã e solidamente salesiana deve fundar-se na experiência cristã de Deus, assim como aparece no RVA. Segundo o Regulamento, o Cooperador "sente Deus como Pai e amor que salva. Encontra em Jesus Cristo o Unigênito Filho e Apóstolo perfeito do Pai, Bom Pastor cheio de solitudes pelos pequenos e pelos necessitados, o Ressuscitado que está conosco 'todos os dias' como Senhor da história. Vive em intimidade com o Espírito Santo, o animador do Povo de Deus no mundo" (RVA 27,2).

Analisar, individualmente e em grupo, a imagem que cada um tem de Deus, purificada de toda possível tendência e parcialidade, amadurecê-la em base a experiência de Jesus Cristo e de Dom Bosco, este deve ser um constante empenho para orientar concretamente toda a vida espiritual do Salesiano Cooperador.

1.6. Aceitar o chamado à santidade

Segundo a vontade de Deus, toda pessoa é chamada a participar da vida divina por meio da fé e da caridade, da palavra e dos sacramentos e a tomar-se desta maneira filho de Deus Pai, a imagem e semelhança do Filho encarnado Jesus Cristo.

Do modo pelo qual vivemos esta vida filial já estamos vivendo a santidade cristã. Esta não é uma realidade rara e como que acrescida a nossa fé cristã. Consiste no esforço e na decisão de aceitar os dons de Deus e de viver cada momento e circunstância como pessoas humanas segundo o caminho percorrido por Jesus Cristo, inspirando-se no seu Evangelho e deixando-se guiar pelo seu Espírito.

A vocação à santidade não é um privilégio para poucas pessoas. É patrimônio de todos. O Concílio Vaticano II afirmou isso na Constituição Dogmática sobre a Igreja: "Por isso todos na Igreja, quer pertençam a hierarquia, quer sejam por ela apascentados, são chamados à santidade segundo as palavras do Apóstolo: 'pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação' (1 Tess 4,3) (LG 39). Naturalmente esta afirmação é também endereçada aos Salesianos Cooperadores. O RVA é muito claro a este propósito: "oferece um autêntico caminho de santificação apostólica" (Proêmio 3), acolhê-lo "é encontrar um modo evangélico de realizar a si próprios, trilhando um caminho que leva à santidade" (RVA 50).

Seria, portanto, muito difícil, para não dizer impossível, centrar bem a vida espiritual e cultivá-la com generosidade, se não se cre e não se aceita que todos somos chamados a santidade cristã dos filhos de Deus.

É nesta perspectiva que a vida espiritual encontra sentido, toma força e profundidade; procura-se viver, exprimir, celebrar e desenvolver a vida filial. Prescindindo-se do nosso ser Filhos de Deus e do nosso chamado à santidade, facilmente se cai na simples observância dos deveres de piedade, nas práticas sem conteúdos e insuportáveis, no moralismo pouco evangélico. Somente o Cooperador que acolhe o chamado à santidade poderá ter uma vida espiritual fundamentada e significativa do ponto de vista cristão.

1.7. Gratuidade e esforço

Um outro fundamento indispensável da vida espiritual consiste em ter sempre presente que a salvação é um dom gratuito que Deus faz ao homem e que o chamado a ser seus filhos não é uma exigência mas um generoso dom que devemos acolher com alegria e gratidão.

A vida espiritual é mais dom de Deus que iniciativa humana e tem como base mais a graça de Deus que o esforço humano. Quando esquecemos a gratuidade total da vida filial, que Deus nos oferece, facilmente fazemos da vida espiritual um mero projeto humano no qual o princípio, o centro e o fim é somente o homem. Desta maneira a vida espiritual permanece fechada no seu espírito e nas suas manifestações.

A esta verdade incontestável se deve acrescentar outra não menos verdadeira: a gratuidade do dom de Deus não anula a liberdade humana, nem torna inútil a colaboração humana. Mais, a quer e a exige. Deus oferece livremente os talentos mas quer que o homem os faça frutificar abundantemente. O Pai dá os dons divinos, mas quer que o invoquemos e peçamos. O Senhor semeia a Palavra sem negá-la a nenhuma pessoa, mas o maior ou menor fruto depende das disposições do nosso coração. Todos podemos apagar o espírito e deixar perder a graça de Deus.

Por conseguinte Deus nos pede contribuição na obra da nossa salvação e espera o nosso esforço para progredir na vida espiritual.

Devemos igualmente evitar de cair num destes extremismos: o ativismo e a autosuficiência espiritual do que cre que tudo depende dele no caminho da santificação; e a confiança passiva e preguiçosa daquele que pensa que Deus fará tudo na vida espiritual. Deve-se saber equilibrar na própria vida a gratuidade divina com a livre e generosa colaboração humana. É este um trabalho que cada Cooperador tem que aprender a cumprir na sua vida.

Para mim, o quanto se disse até agora, nesta primeira parte do tema, constitui a raiz natural e necessária para que possa existir uma vida espiritual autêntica e fecunda. Cada Centro e cada Cooperador faria boa coisa se dedicasse algum tempo para conhecê-las bem, refletir sobre elas, aplicá-las na sua situação e encorajar-se a vivê-las.

Não será suficiente, portanto, contentar-se com o prestar atenção as raízes comuns da vida espiritual cristã. Será também necessário dar especial atenção as características específicas da própria vocação. A segunda parte do tema tratará delas.

UMA VIDA ESPIRITUAL SECULAR, APOSTÓLICA E SALESIANA

A vocação do Salesiano Cooperador é caracterizada em três dimensões essenciais. É ao mesmo tempo uma vocação secular, apostólica e salesiana.

Na vida de cada Cooperador estas três dimensões fazem parte de tal modo de sua vida espiritual, que chegam a confundir-se numa única experiência específica cristã. Não podem, portanto, os Cooperadores contentar-se em cultivar uma vida cristã superficial: se não desenvolvem ao mesmo tempo uma vida espiritual secular, apostólica e salesiana, não seguem intensamente o caminho espiritual que Dom Bosco quer para eles e que o RVA propõe claramente.

Como se concretiza esta vida espiritual específica do Salesiano Cooperador? No RVA aparecem delineados os traços mais abertos da mesma e também são apresentados numa forma concreta algumas expressões práticas.

2.1. Uma vida espiritual secular

O Salesiano Cooperador é chamado a viver a sua fé cristã na realidade secular do mundo e da sociedade (cfr RVA 3).

Nas realidades diárias da família, do trabalho e da vida social, experimenta o amor de Deus, participa em Jesus Cristo da nova condição de filho do Pai e vive em comunhão com o Espírito Santo, animador do Povo de Deus no mundo (Cfr RVA 27,2). O Cooperador se vê em Deus, com Deus e para Deus nas coisas, preocupações e alegrias que acontecem todos os dias. Não tem necessidade de fugir do mundo para encontrar Deus, porque aprende progressivamente a estar com Ele no mundo.

O RVA afirma que o Cooperador "tende a realizar, nas condições ordinárias de vida, o ideal evangélico do amor a Deus e ao próximo" (RVA 7). Desenvolve este projeto de fé e caridade, que é condição indispensável e fonte fecunda da sua vida espiritual.

- na família formando "com os próprios familiares uma 'igreja doméstica', favorecendo a oração em comum" (RVA 8);
- no matrimônio "construindo uma comunhão matrimonial profunda, fundada sobre a fé e não somente sobre a psicologia: e acolhendo e transmitindo a vida com responsabilidade e generosidade, consciente de ser um 'cooperador do amor de Deus criador'. Tudo isto porque crê e confia na força do sacramento do matrimônio" (RVA 9).
- no ambiente de vida e de trabalho: trabalhando, estudando e vivendo o tempo livre com a convicção que assim está continuando a obra criadora de Deus e cultivando um conjunto de virtudes humanas e cristãs que fazem dele uma testemunha de Cristo nestes ambientes (RVA 10).
- na realidade social: a participação ativa na vida social com plena fidelidade ao evangelho e as indicações da Igreja, permitem-no de viver os empenhos reais e concretos da vida diária, a redenção de Cristo, a mensagem renovadora do seu evangelho e a comunhão com a Igreja (Cfr. RVA 11);
- na sua vida pessoal: levando para frente um "estilo de vida pessoal marcado pelo espírito das bem-aventuranças" o Cooperador "usa de sua liberdade obedecendo ao plano de Deus sobre a criação. . . administra os bens com espírito de pobreza evangélica considerando-os à luz cristã do bem comum, vive sua sexualidade segundo uma visão evangélica da caridade" (RVA 12).

Em poucas palavras, o centro e a meta do caráter secular da vida espiritual do Cooperador consiste em aprender bem a fazer de sua vida uma liturgia de louvor. Assim afirma o RVA 32,3 - o trabalho, o descanso, iniciativas apostólicas, alegrias e sofrimentos vividos no Senhor tomam-se um dom que lhe agrada e "um hino à sua glória" tudo viver no Senhor. Aqui se encontra o segredo e a alma da vida espiritual do Salesiano Cooperador, vista na dimensão secular de sua vocação.

2.2. Uma vida espiritual apostólica

A vocação do Cooperador é uma vocação claramente apostólica: "O Espírito Santo. . . guiou Dom Bosco no dar vida aos Salesianos Cooperadores para continuar a ampliar a missão juvenil para a qual o havia suscitado" (RVA 1). Isto explica porque alguns cristãos "sob o impulso do Espírito Santo, se sentem atraídos pela figura de Dom Bosco e pela perspectiva de "trabalharem com ele" permanecendo no mundo" (RVA 2,1).

O caráter apostólico da sua vocação qualifica e caracteriza assim, profundamente a vida espiritual do Salesiano Cooperador que se converte para ele em verdadeiro caminho que conduz à santidade. O Cooperador é um cristão que antes de tudo se aperfeiçoa na vida cristã para depois doar-se ao apostolado. A sua vocação consiste no crescer com Cristo até a santidade fazendo o bem ao próximo no matrimônio, na família, no trabalho, na sociedade, na paróquia, nos ambientes salesianos. O RVA oferece para eles um autêntico caminho de santificação apostólica adequado às exigências da Igreja e do mundo de hoje (RVA proc. 3).

A sua experiência espiritual é certamente centrada em Deus mas sem nunca esquecer que Deus é o Deus para os homens, que ama os homens e oferece compartilhar a sua vida com eles, que os liberta do mal e os espera no céu para viver eternamente felizes com Ele.

Segundo o RVA, o Cooperador, "sente Deus como Pai e Amor que salva. Encontra em Jesus Cristo. . . o Apóstolo perfeito do Pai, Bom Pastor cheio de solicitudes pelos pequenos e pelos necessitados, o Ressuscitado que está conosco 'todos os dias' como Senhor da história. Vive em intimidade com o Espírito Santo, o animador do Povo de Deus no mundo. Em Maria venera aquela 'que cooperou de maneira absolutamente única na obra do salvador' e não cessa de Cooperar como Mãe e Auxiliadora do povo cristão. Sente-se parte viva da Igreja. . . centro de comunhão de todas as forças que trabalham para a salvação" (RVA 27,2).

Esta longa citação exprime de modo muito preciso e vivo como a vida espiritual do Cooperador é profundamente apostólica. A sua experiência de Deus Pai, do Filho encarnado, do Espírito, de Maria e da Igreja, é uma experiência de um Deus salvador, de Maria cooperadora na obra salvífica divina e da Igreja como comunidade dos apóstolos cristãos.

Como dizia Dom Bosco, o Cooperador crê e vive no amor de Deus.

Um amor que é sempre, para todos e em todos os lugares, misericórdia, salvação e contínua renovação. É como Dom Bosco se sente chamado a caminhar, testemunhar e comunicar este amor aos outros, especialmente aos jovens. Tem como objetivo o apropriar-se e continuar a experiência de Dom Bosco "tomando presente entre os jovens o amor misericordioso de Deus Pai, a caridade salvífica de Cristo Pastor e o fogo do Espírito que renova a terra" (RVA 28,1).

Nunca, portanto, devemos ter a experiência de um Deus sem as pessoas, sem os jovens e sem os pobres. E também nunca deve existir um serviço para eles sem a vida de Deus no Próprio coração. Porque se trata de uma caridade que "é um dom que o une ao mesmo tempo a Deus a quem quer servir com humildade e alegria, e aos jovens a serem salvos com amor de predileção" (RVA 28,2). Em uma palavra: "amar Deus e o próximo em uma única experiência de amor" (RVA 7).

2.3. Uma vida espiritual salesiana

As riquezas do coração de Cristo são inexauríveis, múltiplos são os caminhos para sermos seus discípulos e várias são as formas da vida cristã. O RVA reconhece esta realidade quando afirma: "são diversos os caminhos que se oferecem aos cristãos para viverem a fé de seu batismo e o empenho de sua crisma" (RVA 2,1).

Esta riqueza de dons provém do Espírito Santo. É Ele que, com efeito, concede a determinadas pessoas a graça de uma particular experiência do mistério de Cristo. A Igreja reconheceu que uma destas pessoas foi Dom Bosco, o qual, guiado pelo Espírito Santo, viveu e transmitiu aos membros da sua família uma específica experiência avangélica.

Cada Cooperador participa desta experiência espiritual (RVA 27,1). Respondendo a vocação salesiana, assume "um modo específico de viver o Evangelho e de participar da missão da Igreja" (RVA 2,2). "Os Salesianos Cooperadores - efetivamente - querem viver o evangelho na escola de São João Bosco" (Proêmio).

Tudo isto indica que a vida espiritual do Salesiano Cooperador consiste em uma experiência evangélica concreta, peculiar e específica, a qual tem como modelo a experiência espiritual de seu Pai e Mestre e se alimenta dela. Os Cooperadores não são estáticos; são chamados, portanto, a viver e testemunhar não uma vida espiritual "em geral", nem uma vida espiritual inspirada nos dons concedidos a outros fundadores. A sua vocação salesiana os faz filhos e discípulos de São João Bosco e os chama a viverem uma experiência espiritual característica suscitada pelo Espírito Santo na pessoa deste santo.

Devemos repetir que aquilo que se disse a respeito dos outros pontos: a vida espiritual do Cooperador ou é salesiana ou não é como queria Dom Bosco.

O que quer dizer que a vida espiritual do Cooperador é salesiana? Uma reflexão completa ultrapassa aquilo que nos propusemos aqui. Recordamos apenas dois pontos. Em geral aquilo que é mais importante para garantir a salesianidade da vida espiritual do Cooperador é amebê-la de espírito salesiano em todos os seus aspectos e em todas as suas expressões. Converter o espírito salesiano numa experiência cristã própria "é uma típica experiência evangélica que caracteriza e dá um tom concreto a presença e a ação no mundo, às relações com os irmãos e com Deus" (RVA 26).

Acolher "este espírito como dom do Senhor à Igreja" é fazê-lo frutificar segundo as condições seculares que lhe é própria" (RVA 26) será sempre a alma insubstituível da vida espiritual de cada Cooperador.

De modo mais concreto podemos enumerar como traços salesianos característicos da vida espiritual do Cooperador, os seguintes:

- Deus como Pai (RVA 2), Jesus Cristo como Bom Pastor (RVA 27,2), Maria como Mãe e Auxiliadora (RVA 27,2), a Igreja como Família apostólica (RVA 27,2), o amor e a fidelidade ao Papa e aos Bispos (RVA 18,2).

A isto devemos acrescentar a caridade apostólica (RVA 28,1), a sensibilidade para os jovens e os necessitados (RVA 13,1), o apostolado da educação e evangelização (RVA 14 e 16), a solidariedade com o mundo e a luta contra o mal (RVA 30,1), a generosidade e a severa temperança (RVA 30,3); a alegria profunda e contagiosa (RVA 30,1), a amabilidade querida por Dom Bosco (RVA 30,2), a oração simples e confiante, alegre e criativa, apostólica e sacramental (RVA 33).

Como conclusão desta parte é necessário dizer que nem sempre se torna fácil delimitar e descrever cada uma das características concretas da vida espiritual do Cooperador. Esta dificuldade é real; porém nunca deve para o empenho para que cada Cooperador viva, da peculiaridade e originalidade da sua pessoa e da sua própria vocação, uma vida espiritual secular, apostólica e salesiana ao mesmo tempo.

EXPRESSÕES CONCRETAS DA VIDA ESPIRITUAL DO SALESIANO COOPERADOR

Depois de haver tratado da raiz da vida espiritual do Salesiano Cooperador e das suas características essenciais, oferecemos algumas expressões e orientações práticas sobre pontos concretos que a configuram segundo o RVA.

3.1. Participação ativa na liturgia

Na vida espiritual o Cooperador tem presente que "toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de seu corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação na Igreja." (Vat. II, SC 7).

Fiel aos desejos da Igreja, o Cooperador toma parte com "uma participação plena, cônica e ativa das celebrações litúrgicas" convencido de que esta participação "é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão (SC 14)".

Baseia sua participação na liturgia sobre três sólidas convicções:

1. A obra de salvação de Jesus Cristo continua na Igreja especialmente por meio da liturgia. "Para realizar uma obra tão importante - diz o Vat. II - Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas" (SC 7,6).
2. Por causa de seu batismo todo cristão tem o direito e o dever de participar das celebrações litúrgicas (SC 14), as quais "não são ações privadas, mas celebrações da Igreja. . . por isso, estas celebrações pertencem a todo o corpo da Igreja e o manifestam e afetam" (SC 26).
3. "A liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força". Da liturgia, portanto, mas da eucaristia principalmente, como de uma fonte, se deriva a graça, para nós e com a maior eficácia é obtida aquela santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, para o qual, como a seu fim, tendem todas as demais obras da Igreja" (SC 10).

Ao mesmo tempo está muito consciente da importância da vida litúrgica para a sua vocação apostólica. Não esquece nunca o ensinamento do Concílio Vaticano II: "Uma vez que Cristo, enviado pelo Pai, é fonte e origem de todo apostolado da Igreja, torna-se evidente que a fecundidade do apostolado dos leigos depende de sua união vital com Cristo. . . Esta vida íntima de união com Cristo na Igreja alimenta-se por meios espirituais, comuns a todos os fiéis, principalmente pela participação ativa na Sagrada liturgia" (AA 4a).

Para assegurar a plena eficácia da participação na liturgia, o Cooperador está atento as disposições pessoais recomendadas pelo Vat. II: "que os fiéis se acerquem da Sagrada Liturgia com disposições de reta intenção, sintonizem a sua alma com palavras e cooperem com a graça do alto a fim de que não a recebam em vão e ter uma adequada formação litúrgica" (SC 11 e 19).

3.2. Valorização da piedade popular

O RVA afirma que o Cooperador "valoriza as formas de piedade popular que possam enriquecer a sua vida espiritual" (RVA 33,1).

A respeito deste ponto cada Cooperador recorde o que o Conc. Vat. II ensina: "a vida espiritual não se restringe unicamente à participação da sagrada liturgia" (SC 12) e que ao mesmo tempo recomenda insistentemente os piedosos exercícios do povo cristão (SC 13).

Baseado na autoridade do Concílio, o Salesiano Cooperador se esforça, portanto, para exprimir e alimentar a sua vida espiritual com as diversas e variadas formas da piedade popular: por exemplo, aquelas relativas aos Mistérios do Senhor, o exercício da Via-sacra, a adoração eucarística; aquelas de caráter mariano como a oração do santo rosário, Angelus, as peregrinações a santuários marianos, as associações marianas (devotos de Maria Auxiliadora). . . ; aquelas relativas aos santos. . .

Em todo momento procura verificar se estes piedosos exercícios populares "estão de acordo com as leis e as normas da Igreja" e que "considerando os tempos litúrgicos, estes exercícios devem ser organizados de tal maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem, para ela encaminhem o povo, pois que ela, por sua natureza, em muito os supera" (SC 13).

Chegar na própria vida espiritual a um equilíbrio entre celebrações litúrgicas e piedosos exercícios é um trabalho contínuo que cada Cooperador deve cuidar com atenção, consciência e solicitude.

3.3. Oração pessoal (RVA 33,2)

A oração é o dom que Deus nos faz de si mesmo e, da nossa parte, a atitude interior com a qual recebemos este dom. A oração coincide, portanto, com a relação filial que mantemos com o Pai.

A oração começa em nós quando tomamos consciência, na nossa pequenez de criaturas, que Deus nos ama, doa-se a nós e nos convida a sermos seus filhos. As orações são formas para exprimir e alimentar o encontro filial com Deus.

Porque tem a convicção, baseada na fé, de ser filho de Deus, o Cooperador sabe encontrar cada dia um tempo para a oração, para dialogar pessoalmente com seu Pai. O RVA fala claramente disto: "Cada dia dá espaço ao diálogo pessoal com o Senhor" (RVA 33,2).

Em geral são as seguintes as dificuldades para encontrar em cada dia certo tempo de oração pessoal: excessiva valorização das ações, que impedem de fato, encontrar momentos de oração; o trabalho que o absorve excessivamente; o ambiente exterior, que impede a concentração e o silêncio; as preocupações familiares que exigem uma atenção permanente; a falta de vontade decidida para rezar, que leva sempre a deixar a oração para depois; a falta de um método e de uma programação adequada que impede iniciar ou progredir numa verdadeira experiência de oração. . . A estas dificuldades é necessário acrescentar confundir o sentimento com a oração e ser excessivamente concentrados sobre nosso estado de espírito como se deles dependessem que Deus nos ame com um amor infinito e paterno.

O ensinamento de Jesus Cristo sobre a necessidade de rezar sempre e sem parar (Lc 18,1) junto ao fato que Dom Bosco considerava a oração necessária "como água para a terra, o ar para o pássaro, a fonte para o antílope" (MB III 246), e a recomendação no Regulamento dos Salesianos Cooperadores, estimulam cada um a superar todas as dificuldades assinaladas e a cultivar com generosidade, constância e método a oração pessoal cotidiana.

3.4. Leitura e meditação da Palavra de Deus (RVA 33,2)

A vida espiritual própria dos filhos de Deus e o diálogo pessoal com o Pai na oração encontram um apoio sólido, uma força vigorosa e uma expressão autêntica na Palavra de Deus porque "nos livros sagrados, com efeito, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro de seus filhos e com eles fala. É tão grande o poder e a eficácia que se encerra na Palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo e vigor para a Igreja, e, para seus filhos, firmeza na fé, alimento da alma, pura e perene fonte de vida espiritual" (DV 21). Nos livros da Sagrada Escritura está recolhida a experiência com o Deus da revelação vivida por milhares de homens e mulheres. São sem dúvida um maravilhoso e imprevisível caminho para chegar como filhos ao coração do Pai.

Consciente da importância da Palavra de Deus para a vida cristã, o Concílio Vaticano II deseja que "os cristãos tenham largo acesso a Sagrada Escritura" (DV 22) "o acesso à Sagrada Escritura seja amplamente aberto aos fiéis"; e os exorta insistentemente "que aprendam a eminente ciência de Jesus Cristo" (Fil. 3,8), com a leitura frequente das divinas escrituras. "Porquanto ignorar as Escrituras é ignorar Cristo" (S. Jerônimo)(DV 25).

O RVA por sua parte convida o Cooperador a progredir na vida espiritual através do caminho da Sagrada Escritura quando diz: "mediante a leitura e a meditação possivelmente diária da Palavra de Deus, aprende a ver e a julgar tudo à luz divina" (RVA 33,2). Sobre este mesmo argumento, já o Conc. Vat. II havia dito: somente com a luz da fé e a meditação da Palavra divina pode alguém conhecer sempre e em todo lugar Deus. . . procurar a sua vontade em todos os acontecimentos: contemplar Cristo em todos os homens, sejam devedores ou estranhos, e julgar retamente sobre o sentido e valor das coisas materiais em si mesmas e em consideração com o fim do homem.

Sublinhemos alguns pontos: não é suficiente uma simples leitura, se bem que seja vantajosa; é necessário dar um peso maior e chegar a meditação da Palavra. Isto supõe saber o que é meditação, adotar um determinado método de meditar e exercitar-se pouco a pouco nesta forma de oração. Desenvolver estes pontos vai além dos limites do presente tema; mas poderia ser ótima matéria para um encontro "especial" de formação dos Cooperadores.

O segundo aspecto a ser sublinhado refere-se a frequência. De novo o RVA indica o ritmo diário. O Cooperador que deseja progredir vivamente na experiência de Deus deve considerar seriamente o assunto do tempo diário. Se bem que não seja um tempo muito longo, mas que seja dedicado à meditação da Palavra de Deus. As vezes será suficiente concentrar-se alguns minutos sobre uma frase somente da Escritura.

Finalmente, digamos uma palavra sobre o objetivo desta meditação. Tem a finalidade de dar profundidade a própria vida, de aprender a ver todas as coisas e as pessoas à luz da Palavra de Deus, de saber valorizar e julgar todos os acontecimentos como Deus os quer. Este último objetivo se obtém repetindo muitas vezes o seguinte exercício: "O que Deus diz neste texto? Como fala e como age Jesus Cristo nesta determinada frase do evangelho? Que me diz Deus através deste trecho da Sagrada Escritura que tenho diante de mim? Como se comportaria Jesus Cristo com tal pessoa, nesta determinada circunstância?"

Os frutos da leitura e da meditação da Palavra de Deus não se conseguem espontaneamente ou mecanicamente. É preciso colocar as condições necessárias para que frutifiquem. Entre estas assinalamos três:

1. Saber descobrir com precisão aquilo que Deus quis dizer por meio dos autores dos livros sagrados (Vat. II DV 12). Por isso é absolutamente necessário ajudar-se lendo algum livro competente sobre a matéria ou participando de algum curso de introdução à Bíblia.

2. Acompanhar a leitura da Bíblia com a oração para que se estabeleça um diálogo entre Deus e o homem: porque "quando rezamos falamos com Ele; A Ele escutamos quando lemos os oráculos divinos" (S. Ambrósio)(DV 25).

3. Perguntar-se: que coisa Deus me diz nesta circunstância através do livro ou do trecho que estou lendo. Em outras palavras, meditar sobre minha vida de cada dia à luz da Palavra de Deus.

3.5. O Sacramento da Eucaristia (RVA 33,3)

"Seguindo o ensinamento de Dom Bosco, o Cooperador aproxima-se dos sacramentos com fé e frequência. Na eucaristia haure na fonte da caridade pastoral" (RVA 33,3).

O Concílio Vaticano II sublinha a importância central da Eucaristia para a vida espiritual quando diz "que é a fonte e o ápice de toda a vida cristã" (LG 11).

Para Dom Bosco é como uma das duas asas necessárias para iniciar o rol espiritual e tender a santidade (MB VII 680-81). Afirmava que "a comunhão frequente é a grande coluna que sustém um pé o mundo moral e material e assim não aconteça a ruína" (Epist. I 299). Insistia, por outra parte, na boa disposição do coração e da vontade com as quais devemos aproximarmos da eucaristia (MB XI 278), e na influência deste sacramento no progressivo melhoramento da própria vida (MB VIII 54-55; IX 139).

O Cooperador, seguindo o ensinamento de Dom Bosco, participa com frequência do sacramento da eucaristia, convencido que sem ela será muito difícil, se não impossível, manter uma profunda e apostólica vida espiritual.

Na eucaristia e através dela o Cooperador:

— realiza um profundo e entusiasta encontro pessoal com Jesus Cristo, presente na comunidade, na palavra e nos sacramentos;

— faz a experiência de Igreja ao tomar parte de uma comunidade que, reunida na fé e na caridade, se faz seguidora de Jesus Cristo, reza, rende graças e faz memória da morte e ressurreição do Senhor;

— reconcilia-se consigo mesmo, com os outros e com Deus;

— unido na oblação do Senhor, aprende a oferecer ao Pai a sua vida, os seus trabalhos, as suas preocupações e as suas alegrias;

— aprofunda a consciência de sua condição de peregrino em direção ao encontro definitivo com Deus no céu e reaviva a esperança de ser um dia salvo e viver com o Pai, em Cristo;

— reforça a sua vocação apostólica porque a Eucaristia lhe confia a Palavra para proclamar aos quatro ventos, lhe oferece a salvação que deve chegar a todos, o coloca numa mesa onde ainda existem lugares livres, o ajuda a não abandonar o seu empenho já que caminha com um corpo doado e um sangue derramado para os outros, o faz experimentar o amor ardente do coração apostólico de Cristo, e finalmente o envia ao mundo para ser testemunha de quanto viu, ouviu e viveu na eucaristia celebrada junto aos seus irmãos e irmãs cristãos. O RVA tem razão quando diz que o Cooperador "na Eucaristia haure na fonte da caridade pastoral" (33,3).

Para obter os frutos próprios da participação na Eucaristia, o Cooperador deverá adquirir uma conveniente formação sobre o significado bíblico, teológico e espiritual deste sacramento em geral, e de cada uma das partes e sinais em particular.

3.6. O Sacramento da Reconciliação (RVA 33,3)

Juntamente com a Eucaristia e a devoção a Maria, o Sacramento da Reconciliação é um dos elementos indispensáveis da vida espiritual, assim como foi proposto e vivido por Dom Bosco.

Na vida de Domingos Sávio, o nosso Pai deixou um claro exemplo de sua convicção sobre a necessidade e a eficácia espiritual deste sacramento: "É comprovado - escreve - que o melhor apoio para a juventude é o sacramento da confissão e da comunhão. Dai-me um jovem que se aproxima com frequência destes sacramentos e vereis crescer nele a sua juventude, chegar a idade madura e também, se Deus o quiser, à avançada velhice com uma conduta que servirá de exemplo a quantos o conhecerem. Possam os jovens persuadirem-se disto e por em prática. O entendem quantos trabalham na educação da juventude" (Cap. XIV).

O fato que ele escrevia para os seus jovens não deve induzir-nos ao erro de pensar que a sua convicção espiritual era válida somente para ele. O texto nos fala de um ponto chave da proposta espiritual de Dom Bosco. Ele estava totalmente convencido que ninguém, em nenhuma idade, poderá conduzir uma sólida vida espiritual, nem poderá progredir nela, sem a frequente participação no sacramento da reconciliação.

Fiel a Dom Bosco, o RVA convida o Cooperador a aproximar-se com fé e frequência deste sacramento, porque "na Reconciliação encontra a misericórdia do Pai e imprime à sua vida uma dinâmica de contínua conversão, que o faz crescer no amor" (33,3). O progresso na vida espiritual depende e é proporcional, ao menos em parte, da frequência com a qual uma pessoa celebra com fervor a reconciliação sacramental com o Senhor. Uma oportuna programação da frequência deste sacramento, a fidelidade a ela e uma favorável preparação constituirão para cada Cooperador um meio e uma garantia de manter e de cultivar a própria vida cristã e salesiana.

Para garantir da melhor maneira o fruto deste sacramento, o Cooperador, além de confiar-se a misericórdia do Pai ou a ação do Espírito, fará bem em conhecer e aprofundar os seguintes pontos:

— a contínua oferta que Deus lhe faz da própria vida e do seu amor para que possa viver como seu filho e para tê-lo eternamente feliz com Ele;

— o sincero reconhecimento da presença do pecado na sua vida, e das suas repercussões na sua relação com Deus e também ter uma adequada consciência da natureza e da gravidade do mesmo;

— a alegre possibilidade real de reconciliar-se com Deus e com os Irmãos por meio de Jesus Cristo;

— a dimensão eclesial e sacramental desta reconciliação;

— a oportuna formação sobre o significado dos diversos atos e ritos presentes no caminho e sacramento da reconciliação;

— a importância que nele tem a fé e a caridade.

3.7. Momentos espirituais fortes (RVA 34)

Escreve um qualificado mestre atual de vida espiritual: "hoje, mais do que nunca, é indispensável alternar a atividade profissional ou apostólica com o retiro total de tempos em tempos e que o cristão organize a sua vida de tal maneira que possa dispor de tempos fortes para o contato exclusivo com Deus. Depois de ter feito numerosas experiências com diversos grupos. . . cheguei a conclusão que a solução para assegurar uma elevada vida espiritual são os tempos fortes. . . Este é, na minha opinião, o instrumento mais adequado para renovar-se, reconfirmar a fé e manter-se na fidelidade. . . É necessário retirar-se para ser homem de Deus" (J. Larranaga, *Mostrami il tuo volto. Verso l'intimità con Dio*, Ed. Paoline, Madrid 1985 14a ed, pag. 176-178 - existe também a tradução italiana e inglesa).

Esta grande verdade da vida espiritual não é nova. Jesus se retirava frequentemente na solidão completa para viver na familiaridade com o Pai; todos os mestres espirituais recomendam o mesmo de uma maneira ou de outra.

Quando o RVA indica "todos os meses o Cooperador destina um momento de parada e recolhimento para o crescimento de sua vida espiritual e para a eficácia do apostolado. A Associação proporciona anualmente a oportunidade de se fazerem os exercícios espirituais, como ocasião privilegiada de conversão e retomada" (RVA 34) o Regulamento se une com as experiências de Jesus Cristo e com uma longa tradição espiritual a qual se une também Dom Bosco.

O nosso pai deu grande importância ao retiro mensal (o chama de "exercício da boa morte") e aos exercícios espirituais. Aquilo que escreveu aos salesianos sobre os cuidados que podem também ajudar o Cooperador a convencer-se sempre mais da sua necessidade. "A parte fundamental das práticas de piedade, aquelas que de certo modo todos abraçam, consiste no fazer todo ano os exercícios espirituais, e cada mês o exercício da boa morte" (introdução às constituições p. XXXIV; ed. italiana pag. 229). Nas lembranças para os missionários, a 11 de dezembro de 1875, recomendava ele: "Não deixai nunca de fazer o exercício mensal da boa morte" (Lembrança 14).

Mantém a mesma convicção e a mesma prática para os Cooperadores, adaptando-a a sua condição de vida: "são aconselhados a fazer cada ano ao menos alguns dias de exercícios espirituais. O último de cada mês, ou noutro mais cômodo, farão o exercício da boa morte, confessando-se e comungando como se realmente fosse o último dia da vida" (Reg. para os Coop. VIII,2).

O motivo principal que habitualmente se apresenta para não praticar esta recomendação é a falta de tempo. O P. Larranga, no livro citado, trata desta dificuldade. Não se tem tempo para estes exercícios. Tempo se tem para tudo aquilo que se quer. O tempo não é impedimento. O mal é outro. Assemelhamo-nos aqueles doentes que tem medo e evitam encontrar-se com o médico ou os raios X. A disposição, a distração, a divisão, nos retém em um primeiro momento, mas não prestamos atenção de que no final levam a desilusão e frustração. . . por outro lado custa muito construir a vida com Deus. Ainda mais. Deus é um temível desafiante. Se vive muito mais tranquilo longe do fogo (o.c. pag. 178-179).

Afim de que os momentos espirituais fortes produzam frutos desejados será necessário predispor primeiro o próprio espírito, prepará-lo bem, saber concretamente que coisa se vai fazer, oferecer amplos espaços para a oração e a reflexão e manter o silêncio interior e exterior.

A experiência nos ensinará como a fidelidade aos momentos fortes assinalados pelo RVA constituem uma fonte que produz progressivamente abundantes frutos na própria vida espiritual.

3.8. Devoção a Maria (RVA 35,1)

Foi vontade de Deus Pai unir Maria à plena manifestação e realização do seu plano de salvação. O fez chamado-a a ser a mãe do Filho encarnado, Jesus Cristo (Vat. II LG 52, 55, 59). Não é portanto possível aproximar-se da totalidade do mistério de Cristo sem Maria (João Paulo II, Redemptoris Mater, 1ª parte). Crer e amar Jesus Cristo requer necessariamente fé e amor por Maria.

Na vida e missão de Dom Bosco, Maria manifestou uma especial presença de Mãe, realizou uma eficaz intervenção de Auxiliadora, como Imaculado significou uma peculiar experiência cristã. A vida espiritual e apostólica de Dom Bosco foram profundamente marianas. O amor e a devoção a Auxiliadora pertencem definitivamente ao patrimônio espiritual que nos deixou em herança Dom Bosco. "Como Dom Bosco, o Cooperador nutre uma devoção filial e forte a Maria Imaculada, Mãe da Igreja e Auxiliadora dos cristãos", guia especial da Família Salesiana. Convencido da sua presença viva, invoca-a frequentemente, celebra com fervor suas festas, tornando-a conhecida e amada (RVA 35,1).

Segundo o RVA, o Cooperador vive a dimensão mariana de sua vocação cristã e mariana:

— com uma devoção filial, que sabe combinar harmonicamente a profundidade do Espírito com a doçura do coração evitando sentimentalismo estéril, como as expressões excessivamente frias e intelectuais;

— a invoca como Imaculada, porque plenamente redimida e totalmente de Deus. Como Mãe da Igreja, porque acolhe, com sua nova maternidade de Espírito, todos e cada um na Igreja, acolhe também todos e cada um por meio da Igreja (João Paulo II, RM 47); como Auxílio dos Cristãos porque "assunta aos céus, não abandonou este salvífico múnus, mas por sua múltipla intercessão prossegue em granjear-nos os dons da salvação eterna" (LG 62);

— cre firmemente na presença viva de Maria na própria vida, em toda Família Salesiana e na comunidade da Igreja;

— a invoca frequentemente com fé, simplicidade, espírito filial e confiança;

— celebra com fervor as suas festas, especialmente aquelas que recordam os principais mistérios da sua vida, aquelas que se referem a devoção mariana da Igreja local e a festa de Maria Auxiliadora;

— a faz conhecer e amar com o testemunho pessoal e as oportunidades oferecidas pela catequese, a vida familiar, o trabalho profissional, e os diversos movimentos apostólicos.

Na sua vida espiritual o Cooperador olha para Maria como exemplo de vida espiritual coma qual a Igreja celebra e vive os diversos mistérios. O exemplo da Virgem Santíssima neste ponto provém do fato que ela é reconhecida como modelo extraordinário da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, vale dizer, daquelas disposições interiores com a qual a Igreja, esposa amadíssima, estreitando unida ao seu Senhor, o invoca e por meio dele rende culto ao Pai Eterno (Paulo VI, Marialis Cultus 16).

Mais concretamente, Maria é o seu modelo de escuta da Palavra, na oração, na ação apostólica e na doação a Deus porque a considera como sua mestra da vida espiritual (MC 17-22; RM 42-47).

Afim de que o culto e a devoção a Maria sejam fundados e orientados, devem, de uma parte, exprimir claramente a sua relação com a Trindade, com Jesus Cristo e com a Igreja; e doutra parte, ter uma marca bíblica, litúrgica, ecumênica, antropológica, popular. Seguindo as orientações da Igreja, o Cooperador se esforça para que o caráter mariano da sua vida espiritual tenha tais características (MC 12 e 2ª parte).

3.9. Culto aos Santos (RVA 35,2-3)

As festas dos santos proclamam as maravilhas de Cristo nos seus servidores e propõem exemplos apropriados à imitação dos fiéis (SC III).

A devoção aos santos tem sentido e valor se seguem as orientações do Vat. II com atenção. Estas são as seguintes:

1. Unir sempre os santos ao mistério de Cristo. Proclamar o mistério pascal completo neles. Considerar que são pessoas que viveram a vida cristã de uma forma eminente. Nunca portanto, isolar a devoção aos santos da obra salvadora de Cristo.
2. Conhecer a sua vida, os seus exemplos e fazer o melhor para imitá-los. Considerar que se eles, em situação muito semelhantes as nossas, conseguiram tal perfeição na vida evangélica, também nós poderemos fazer o mesmo.
3. Aproximar-se deles com confiança e pedir sua intercessão para obter do Senhor as suas graças, sem nunca colocá-los no lugar de Jesus Cristo único mediador entre Deus e os homens (SC 103).

Iluminado por este quadro doutrinal, o Cooperador "dirige-se com particular afeto a São José, padroeiro da Igreja universal. Recorre com confiança à intercessão de São João Bosco, Pai e Mestre, protetor especial dos jovens. . . venera com predileção São Francisco de Sales, Santa Maria Domingas Mazzarello, São Domingos Sávio e os outros santos e beatos da Família Salesiana" (RVA 35,2-3).

Este programa de devoção aos santos não será possível se antes cada Cooperador não conheça sua vida e não assimile na sua oração o recurso da sua intercessão.

Conclusão

A Associação dos Cooperadores - diz-nos Dom Bosco - é criada para sacudir da apatia em que jazem tantos cristãos, e difundir a energia da caridade" (RVA 50). As portas de 88 despertam em cada um dos Cooperadores a vontade de uma generosa e profunda vida espiritual sendo assim uma das melhores formas de celebrar o 1º centenário da morte de nosso fundador e Pai.

Contribuirão grandemente a este despertar com uma aprofundada reflexão sobre as raízes comuns da vida espiritual cristã; uma clara atenção às características secular, apostólica e salesiana da vida espiritual dos Cooperadores; e uma fiel prática de atos concretos que alimentem a vida espiritual do Salesiano Cooperador segundo o RVA.

Que este tema apresentado contribua humildemente para este objetivo. Que Dom Bosco, no centenário da sua morte e Maria Auxiliadora façam-no produzir frutos abundantes.

AMAR A VIDA COMO VOCAÇÃO

Amar a vida!

Não a vida dividida,
mas a vida planejada
como *vocação*:
acolher o convite
para um compromisso
diante de um futuro
que não espera
pessoas cansadas, mediocres,
desiludidas e desmotivadas,
mas construtoras
de humanidade, justiça, paz...

Amar a vida

aberta à cultura, à partilha,
à solidariedade com quem
sofre a fome e o medo,
sonhando com Dom Bosco
um mundo novo, homens novos,
firmes na fé, marcados
com o sinal da esperança.

Pe. Egídio Viganó,
num discurso aos jovens

CONFIAR EM Nossa Senhora Auxiliadora

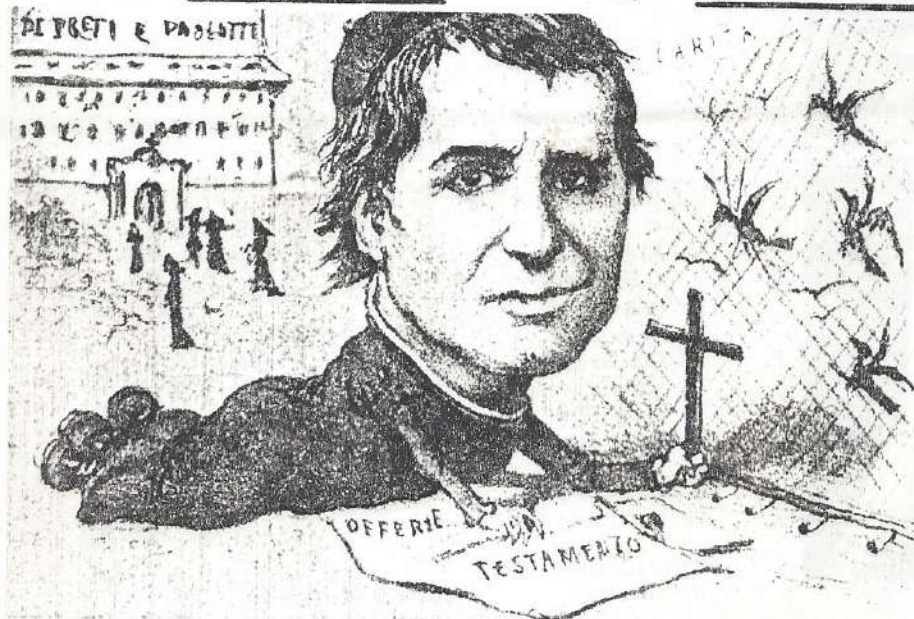
1. (1) A História da Salvação aconteceu na China
(2) ou acontece na vida de cada um de nós?
2. (1) O centro da História da Salvação é Jesus Cristo
(2) ou Roma é chamada «Cidade Eterna»?
3. (1) A História da Salvação já terminou
(2) ou deve ser vivida por todo homem?
4. (1) Nós não sabemos quanto tempo ainda durará a História da Salvação.
(2) Nem Deus sabe quando será o fim do mundo.
5. (1) Deus trabalha sozinho na História da Salvação.
(2) Deus quer nossa colaboração, mas respeita nossa liberdade.
6. (1) Terra Prometida quer significar o paraíso.
(2) Antigamente, para os judeus, Terra Prometida significava a Judéia.
7. (1) Um dos povos que teve grande papel na História da Salvação foi o povo italiano.
(2) Os judeus tiveram papel de destaque na História da Salvação.
8. (1) No Antigo Testamento eram chamados «homens de Deus» os profetas.
(2) Atualmente são chamados «homens de Deus» (de vez em quando) os Sacerdotes, os Bispos, o Papa.
9. (1) Terra onde correm rios de mel e leite significa terra fértil.
(2) Essa maneira de expressar-se é simbólica.
10. (1) A História da Salvação está contida na Bíblia.
(2) Essa história é vivida por cada um de nós no dia-a-dia da nossa vida.
11. (1) Abraão era chamado «Homem de Deus».
(2) Moisés foi um dos Papas.
12. (1) Quem segue Jesus Cristo tem a certeza de ter um final feliz.
(2) Jesus Cristo é o Filho de Deus.
13. (1) Deus quer que todos tenham um final feliz.
(2) Porque Ele é nosso Pai e deseja a nossa felicidade.

	1	2
1		1
2		2
3		3
4		4
5		5
6		6
7		7
8		8
9		9
10		10
11		11
12		12
13		13



ENCONTRO COM DOM BOSCO

(PARTE IX)



Os jornais anticlericais, como se vê, atacavam Dom Bosco em artigos e caricaturas de inspiração vulgar e grosseira. Aqui, o seu oratório é apresentado como uma fábrica de padres e beatos.

A legenda diz: "Com a rede da caridade e da religião apanha os pássaros". Com isto queriam dizer que as esmolas e os legados lhe forneceriam o dinheiro necessário para os seus pobres. Crime de veras imperdoável.



Outra caricatura: Legenda: "Melhor era que o taurmaturgo Bosco (em mau latim, Dominus Lignus) se fosse embora com armas e bagagens, a cavalo por sobre as nuvens". Alusão discreta ao voo das bruxas... a cavalo numa

índice



EDITORIAL	01
INTRODUÇÃO	
1. AS RAIZES DA VIDA ESPIRITUAL	
1.1. A minha pessoa	
1.2. No mundo	
1.3. Com os outros, na Igreja e na Família Salesiana	02
1.4. A Fé Cristã	
1.5. Uma adequada experiência de Deus	
1.6. Aceitar o chamado à Santidade	
1.7. Gratuidade e esforço	03
2. UMA VIDA ESPIRITUAL SECULAR, APOSTÓLICA E SALESIANA	
2.1. Uma vida espiritual secular	
2.2. Uma vida espiritual apostólica	04
2.3. Uma vida espiritual salesiana	04
3. EXPRESSÕES CONCRETAS DA VIDA ESPIRITUAL DO SALESIANO COOPERADOR	
3.1. Participação ativa na liturgia	05
3.2. Valorização da piedade popular	
3.3. Oração pessoal	
3.4. Leitura e meditação da Palavra de Deus	06
3.5. O Sacramento da Eucaristia	
3.6. O Sacramento da Reconciliação	
3.7. Momentos espirituais fortes	07
3.8. Devoção a Maria	
3.9. Culto aos Santos	08
4. CONCLUSÃO	
ENCONTRO COM DOM BOSCO (Parte X)	09
	10

CONHECER



SALESIANOS COOPERADORES notícias

ÓRGÃO FORMATIVO E INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS SALESIANOS COOPERADORES DO SUL DO BRASIL

SEDE INSPETORIAL: Rua Dr. Eduardo Chartier, 360 - CP 6006 - 90.440 - Porto Alegre - RS - Brasil

ANO V
NÚMERO 18
JANEIRO-JUNHO
1989